



MIQUEL MARTÍ I POL

# UM MORTO COM O OLHAR VIVO

TRADUÇÃO DE  
MIGUEL FILIPE MOCHILA

LÍNGUA MORTA  

---

21 DE MARÇO DE 2020



UM MORTO COM O OLHAR VIVO



## NOTA EDITORIAL

*Tudo está por fazer e tudo é possível.* O verso de Miquel Martí i Pol serve de ponto luminoso, para se levar na boca, apertando-o nos lábios, puxando por ele, fumando-o, até que algo em nós se acenda, uma forma de imunidade contra estes dias em que tudo no ar convida a que nos submetamos, sem pensar muito, e até contra as nossas consciências. Pior do que não haver muito a esperar dos outros, é perceber o quão pouco o mundo, hoje, quer ou espera de nós. O quanto nos convida a que nos apaguemos.

Virtualmente desconhecido por cá, não tendo merecido mais do que esparsas traduções de um ou outro poema — três integram o volume de Egito Gonçalves intitulado *Quinze Poetas Catalães* (Porto, Limiar, 1994) —, Martí i Pol é um dos mais lidos e amados poetas catalães. Não será alheio a isso o facto de tantos dos seus poemas terem sido musicados e interpretados por cantores de várias gerações, como Maria del Mar Bonet, Ramon Muntaner, Lluís Llach, Celdoni Fonoll ou Rafael Subirachs.

Nascido a 19 de Março de 1929 em Roda de Ter (Barcelona), morre também na Cidade Condal, a 11 de Novembro de 2003, de esclerose múltipla — doença que o atormentava desde 1973. Conhecido como «o poeta do povo», deixou uma obra bem mais lúcida e cativante do que essas florinhas de papel, esses adornos da complacência a que nos habituaram os nossos rouxinóis soluçantes, esses que, não fosse pelo furor sanitário desencadeado por este vírus, que obrigou ao recolhimento,

teriam passado o dia a acorrer aos cortejos e cerimónias do dia mundial da poesia. Assim, e por sugestão do Miguel Filipe Mochila, aqui ficam 17 poemas do poeta catalão, um modo de enfiar o nosso pé-de-cabra, rasgar uma brecha e arejar um pouco esse bafiento salão onde decorre o infindável recital de poesia que, hoje, não teve escolha e ficou encafuado nas redes sociais. A nenhuma dessas almas parece ocorrer aquilo que Octavio Paz exigia sempre que nos dispomos a fazer qualquer reflexão sobre a poesia, o desafio de questionar para quem estamos a falar, a quem estamos a ler, quantos são esses que se interessam pela poesia. Costumam ser poucos, e há quem defenda que o seu número se tem mantido invariável ao longo das décadas e dos séculos, estando restrito a uma «imensa minoria». Dificilmente será a esses leitores que se dirigem estas manifestações de uma euforia afinal tão triste, e que não consegue fazer mais do que nivelar tudo, para embrutecer e amolecer o sentido crítico, até que se confundam versos com o palavreado e as efusividades pindéricas em que fazem ninho as larvas da baixeza e da bonomia.

Eis aqui um morto para o qual essa glotonice não se há-de dirigir de forma tão afoita.







## FALO DO GRITO UNÂNIME

Falo do grito unânime  
do sangue e censuram-me  
opacos preconceitos.  
«Antigamente...», objectam,  
e eu tenho uma velhice secular.

Em que poeirentos ribeiros  
dispõem as palavras?

Companheiros: libertemos as barcas  
de tanta corda inútil.

Há grandes rios à espera.

## NO ANO QUE VEM

No ano que vem já ninguém reparará em nós.  
Agora somos recém-chegados e fitam-nos com desprezo  
até mesmo os que andam por cá há quarenta anos  
e já nada os muda.  
Temos um ar aturdido e tenaz  
que faz rir as mulheres  
e quase nem nos atrevemos a mexer a cabeça  
por temor a perder o equilíbrio.

Daqui a um ano, porém, já teremos mudado de pele,  
envergaremos a roupa com mais desenvoltura,  
perseguiremos as raparigas  
e teremos aprendido a dizer palavras duras  
sem que sintamos as pernas a tremer.  
Chegará então o momento de esperar os outros,  
os recém-chegados do turno de entrar no jogo  
e faremos parte, já para sempre, do bando que odiávamos,  
será o momento de ensaiar formas novas  
de ganhar o fôlego de uma gargalhada  
de estúpida cumplicidade  
ou talvez uma ruidosa blasfêmia de surpresa.

E envelhecemos depressa,  
pois nada cansa tanto quanto conquistar  
em só um ano tudo aquilo que almejávamos.

## TARDE

Tudo é já diferente, agora que agitas a mão  
em sinal de adeus e dizes qualquer coisa  
no momento exacto em que o comboio principia a mover-se.  
Apercebo-me então de que estou sozinho na plataforma,  
sozinho entre as pessoas que não se comovem  
ao ver como te afastas.

E agora penso  
que este adeus não é igual aos outros,  
que não voltarás nunca e, no entanto,  
não deixei de te amar.

Vês? É fácil  
perdermo-nos, vagarosos, por velhas avenidas  
arenosas de memórias, e esbanjar as forças  
tentando caminhar com o rasto da presença áspera  
de um tempo que um só gesto converteu em estorvo.  
Tão profunda, a clara quietude dos teus olhos  
não é mais vívida que esta  
tarde que agora retomo  
um tanto nostálgico ao ver como te afastas de mim.

## A PASSAGEM DO TEMPO

É pois inútil  
retomar aqueles versos  
que guardámos há muitos anos  
e tentar adaptá-los  
ao novo ritmo do tempo.  
Quero dizer que, em consciência,  
já se não pode dizer caridade,  
nem amor, nem liberdade, como outrora.  
Envelhecem os versos  
e a voz deforma-se-nos  
se não temos, tenazmente,  
modo de entender  
que mudou o sentido  
vital das palavras.  
Há uma pendente resvaladiça  
e fácil que nos impede  
de crescer. Para os que lutam  
é sempre curto o tempo;  
os outros extasiam-se  
e protestam, irados,  
contra qualquer vento que agite  
a água do tanque que nos conserva.  
E molham-se entre si,  
displicentes, com as velhas  
palavras. Porque o jogo

consiste em sentir-se  
molhado sempre, convencido, infável.

## NOCTURNO

Na esquina da rua Paris com a avenida de Roma,  
no bar «l'Estrella», em vésperas de feriado,  
acende-se um letreiro luminoso que anuncia  
uma bebida de origem norte-americana.

O bairro é novo e triste,  
com casas magras, desiguais, e um ar espesso,  
com bafo de cozinhas pobres.

Nas ruas por asfaltar formam-se charcos  
e a luz escasseia.

Em muitas noites de domingo,  
o dono do bar «l'Estrella» acende novamente  
o letreiro luminoso e embebeda-se.

O anúncio, agressivo, arde a noite toda.

As mulheres que trabalham  
no primeiro turno e se levantam às escuras  
agradecem o gesto  
com um sorriso cúmplice,  
carregado de ternura.

## UM DIA QUALQUER

Um dia qualquer, hei-de perfurar a terra  
e forjar um orifício profundo  
para que a morte me colha de pé,  
barafustando, temerário.  
Suportarei obsessivamente a chuva,  
afundarei raízes na minha própria lama.  
Sem palavras, bastar-me-á o fôlego  
para afirmar uma presença  
de absoluto vegetal.  
O esqueleto que me sustenta  
há-de endurecer até ser pedra  
e gritarei, de olhos esbugalhados,  
contra os tempos vindouros  
e a sua insaciável corruptela.  
Despojado de toda a parvoíce,  
sem rasto de sombra,  
não virarei a cabeça, não hei-de  
olhar para trás.

## DECLARO-ME VENCIDO

Declaro-me vencido. Os anos que me restam  
hei-de errá-los na penumbra. Em cada manhã  
desfolharei uma rosa, a mesma,  
e com tinta evanescente hei-de escrever um verso  
débil e nostálgico em cada pétala.  
Lego-vos a minha sombra em testamento:  
é o mais perdurável e sólido que tenho,  
e os quatro palmos de mundo apaziguado  
a que todos os dias confio o meu olhar.  
Quando eu morrer, façam um buraco fundo  
e nele enterrem-me de pé, fitando o meio-dia,  
para que o sol a pique me cegue o fundo dos olhos.  
As pessoas que então me virem hão-de exclamar:  
Vejam: eis um morto com o olhar vivo.



## SÓ TU

Deve estar muito longe o mar, ou talvez  
já não haja mar e a palavra seja apenas  
uma argúcia. Tantas palavras perderam  
peso e espessura, que não me atrevo a cerrar  
os punhos com a força de outrora, por temer  
sentir todo um mundo que vai sendo esboroadado.  
Deve estar muito longe o mar, e aquela casa  
que sempre imaginei por sob a chuva  
e as pessoas que não vejo. Devem estar muito longe  
as pessoas que já não vejo, ou talvez  
estejam mortas e eu não o saiba e ainda as pense  
inutilmente vivas. Devem estar longe  
as árvores e os pássaros, o rio, a espada  
que talha o vento e a lama dos roseirais.  
E só tu estás perto e eu sinto-te,  
imóvel e expectante, mesmo atrás  
das tantas portas que nenhum trinco tranca.

## E RECORDAR NÃO É VIVER

Agora recordo os alvíssimos entardeceres,  
os entardeceres de alfazema e pirilampos,  
quando, à saída do cinema, passeávamos  
pelas redondezas da aldeia e nos uníamos  
— desculpa, por favor, esta palavra — pela cintura  
e nos beijávamos e tudo, entre silêncios,  
ruborizados de tamanho atrevimento.  
Agora recordo-o clara e friamente  
— não posso fazer mais nada — e vejo-te os olhos dulcíssimos  
e sinto-te pestanejar, temerosa e dócil,  
mas já não me percorre a coluna  
aquele calafrio de outrora, nem acho  
a redondez dos teus peitos nas minhas mãos. Agora  
ordeno palavras: um jogo, um exercício;  
e sou placidamente feliz, talvez  
profundamente feliz. Agora as veias  
endureceram-se-me tanto que já não sinto  
pulsar o sangue. Agora só recordo.  
E recordar não é viver de novo.

## COISAS

Deste Verão quero recordar apenas  
o olhar cúmplice  
de uma vizinha que estava a apanhar sol  
despida, e que sorriu satisfeita  
ao aperceber-se de que eu a contemplava,  
e aquele instante fugaz, irrepitível,  
de quietude total, em que o mundo ficou  
deserto de si mesmo e era um cristal  
transparente e outra vez compacto.  
Outra coisa não será o Verão,  
este Verão, quero eu dizer, e se vierem  
falar-me daquelas mil bagatelas inefáveis  
que compõem os dias e as noites,  
responderei calmamente: não me lembro.

## DESCOBRIRAM QUE EM APENAS UM INSTANTE

Descobriram que em apenas um instante  
se pode amar tanto quanto em toda uma vida.

Descobriram que o gozo é como uma ilha  
desconhecida, que se pode materializar  
diante da proa da nave que vos leva  
em certa manhã ignorada,  
por uma rota antiga.

Lancem-se por isso ardentemente  
na loucura de amar-se, agora  
que o vosso corpo é ágil, e triturem  
a ânfora que conservava o velho perfume  
para aspirar de um só golpe  
toda a intensidade dominadora.

E quem sabe morrer depois da prova.

## UM DIA ESTAREI MORTO

Um dia estarei morto  
e ainda haverá tarde  
na paz dos caminhos,  
nas sementeiras verdíssimas,  
nos pássaros e no ar  
quietamente amigo,  
e no passo desses homens  
que desconheço e amo.  
Um dia estarei morto  
e ainda haverá tarde  
nos olhos da mulher  
que se me aproxima e beija,  
na música antiga  
de qualquer tom,  
ou mesmo num objecto,  
o mais íntimo e claro,  
ou talvez nos meus versos.  
Digam-me que prodígio  
faz a tarde tão doce  
e também tão intensa,  
e a que prado ou a que nuvem  
hei-de atribuir o meu gozo,  
porque me sei perdurável  
nas coisas que me rodeiam,  
e sei que alguém, no tempo,  
conservará memória de mim.

## OUTRA AURORA PARA NÓS

O que somos? Centauros ágeis no escuro  
em busca de horizontes, a caminho sempre,  
ou talvez árvores içadas na crosta  
de outras árvores idas que fazem  
a quietude da nossa vida estática?  
Inutilmente nos procuramos. É forçoso perdermo-nos  
na noite sem alvorada para conhecermos  
o que somos e que mão nos governa os actos,  
e é em vão que erguemos brilhantes projectos  
e conjugamos palavras atrevidas, cercando-nos  
em cada coisa, em cada palavra.

Somos seres  
projectados num futuro sem mesura  
e temos de morrer para que o perfeito esquecimento  
nos faça nascer, outra vez, sabendo-nos.

Há um tempo para sofrer e um tempo para amar  
ou talvez seja tudo o mesmo e nos enganemos  
com o jogo da vida e do perigo.

Para lá de nós, que fica?  
A pedra, a árvore, o vento e este silêncio  
não morreriam se, de súbito, deixássemos  
de repeti-los, dóceis, a cada dia?

## A ALDEIA

A aldeia é um velho teimoso,  
é uma rapariga sem namorado,  
é um pequeno comerciante em descrédito,  
é um parente com quem brigamos há muito tempo.

A aldeia é uma bolorenta tarde de Verão,  
é um castelo sobre a areia,  
é a chuva fina de Novembro.

A aldeia é quarenta anos a subir aos andaimes,  
é a breve ansiedade de domingo à tarde,  
é a família como base da sociedade futura,  
é o conjunto dos seus habitantes, etc., etc.

A aldeia é o meu esforço e o vosso esforço,  
é a minha voz e a vossa voz,  
é a minha pequena morte e a vossa pequena morte.  
A aldeia é o conjunto do nosso esforço  
e da nossa voz  
e da nossa pequena morte.  
A aldeia és tu e tu e tu e tu  
e toda as outras pessoas que não conheces,  
e os teus segredos  
e os segredos dos outros.



A aldeia é todos,  
a aldeia é ninguém.  
A aldeia e tudo:  
o princípio e o fim,  
o amor e o ódio,  
a voz e o silêncio,  
a vida e a morte.

## HOJE, MUITO MENOS QUE ANTES

Hoje, muito menos que antes,  
as mãos não incitam  
ao choro ou ao desencanto,  
somos muito mais dóceis  
e as pessoas já não gritam nas ruas.  
De súbito tudo é apenas um gosto inédito  
pela harmonia.  
Mas amiúde o povo ama  
sem saber o que é justo; e todos nós  
somos de sangue e lama,  
de sangue de povo e  
de lama de povo,  
e apavora-nos,  
por mais que nos calemos, a altivez  
dos jovens e o gesto,  
oh, maravilha!,  
dos velhos tão dignos.  
Tudo regressa já  
ao fundo primigénio de ternura,  
e seremos até, enfim, louvados,  
não pelo que agora fazemos  
mas pela inefável  
docilidade de antes  
que nos dignifica.

## AGORA QUE VOLTA TUDO

Agora que volta tudo: o silêncio e a espera,  
as palavras que guardámos em lugar seguro  
durante todo este Julho de vento e nostalgia.  
Agora que volta tudo: a tibieza do corpo  
apaziguado e dócil às mãos amantes  
e aquele perder-se no interior das tardes calmas,  
bosque adentro, no tapete estaladiço das pinhas,  
não valerá este cálido esforço toda a dura  
vontade de ficar, presente e ausente a um tempo,  
sem pensar que o tempo é um vazio ilimitado?

Mulher: dizer o teu nome não me custa nada, ainda  
que estejas longe. Escrevo-o nas pedras e na água,  
na sombra afável das árvores que bordejam o rio  
e a cozinha da casa. Sei que hás-de ouvir  
as minhas palavras, pois levas nas mãos  
um sinal do tempo novo e crescestes à espera  
de quem to aceitasse sem quaisquer perguntas.

Esta edição digital de «Um Morto com o Olhar Vivo», de Miquel Martí i Pol, com tradução de Miguel Filipe Mochila, foi distribuída no dia 21 de Março de 2020 para fazer companhia à incomensurável minoria nos dias de confinamento a que nos obrigou, entre outras coisas piores, a ameaça do coronavírus.